

A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA: A INSTRUÇÃO INTEGRAL EM MIKHAIL BAKUNIN

João Gabriel F. Mateus*
Wanderson J. Sousa**
Rafael Saddi***

O pensamento de Mikhail Bakunin foi esquecido por militantes políticos e por intelectuais acadêmicos. Seu esquecimento deve-se menos à força de suas idéias do que ao domínio dos instrumentos de produção do passado por seus adversários. Adversário mal compreendido de Marx na Associação Internacional dos Trabalhadores, crítico ferrenho das autoridades infalíveis e da noção de ditadura do proletariado, o anarquista russo teve seus escritos e sua história sistematicamente condenados pelos ideólogos das ditaduras vermelhas.

Resgatar os escritos de Bakunin sobre Instrução Integral é trazer à tona um pensamento revolucionário radical que era capaz de perceber o modo como retiraram dos trabalhadores os seus meios de produção, os seus meios de administração e os seus meios intelectuais.

Para analisarmos a Instrução Integral, dividimos este texto em três momentos. Primeiro, analisamos o método materialista do anarquista russo. Depois, abordamos a sua crítica à ciência burguesa. E, por último, buscamos sua concepção de instrução integral.

O Materialismo

Para Bakunin, o homem nada mais é do que um produto da matéria. Mas, o que é essa matéria? É o real, tudo o que existe de fato, tanto forças físicas, químicas quanto forças inteligentes.

(...) a matéria da qual falam os materialistas, matéria espontaneamente, eternamente móvel, ativa, produtiva, a matéria química ou organicamente determinada e manifesta pelas propriedades ou pelas forças mecânicas, físicas, animais,

inteligentes, que lhe são forçosamente inerentes, esta matéria nada tem de comum com a *vil matéria dos idealistas*. (Bakunin, 2000, p. 13).

Neste sentido, os fatos têm primazia sobre as idéias e as condições materiais de existência constituem a raiz da vida intelectual, moral e política.

Sim, os fatos têm primazia sobre as idéias; sim, o ideal, como disse Proudhon, nada mais é do que uma flor, cujas condições materiais de existência constituem a raiz. Sim, toda a história intelectual e moral política e social da humanidade é um reflexo de sua história econômica. (idem, p. 14).

Esta perspectiva de determinação fundamental econômica não deve ser confundida, entretanto, com uma causalidade de mão única. As esferas da vida humana estão ligadas em um sistema infinito de influências mútuas. Do mesmo modo como a esfera econômica cria a esfera política e intelectual à sua imagem e semelhança, estas outras esferas também influenciam a primeira e se influenciam entre si. Bakunin pensa em uma multicausalidade.

Tudo o que existe, os seres que constituem o conjunto indefinido do Universo, todas as coisas existentes no mundo, qualquer que seja sua natureza, sob o aspecto da qualidade como da quantidade, (...), exercem, sem o querer e sem mesmo poder pensar nisso, umas sobre as outras e cada uma sobre todas, seja imediatamente, seja por transição, uma ação e uma reação perpétuas que, combinando-se num único movimento, constituem o que chamamos de solidariedade, vida e causalidade universais. (Bakunin, 1988, p. 57).

É através deste materialismo multicausal que Bakunin vai defender a supressão da propriedade privada, do Estado e do domínio intelectual.

Para ele, não há igualdade sem socialismo. Isto é, enquanto não se abolir a exploração econômica, eliminando a propriedade privada e socializando os meios de produção, toda igualdade política é uma mera ficção. Como afirmou:

(...) a pobreza é a escravidão, é a necessidade de vender o trabalho, e com seu trabalho sua pessoa, ao capitalista que vos dá o meio de não morrer de fome. É preciso ter realmente o espírito interessado na mentira dos Senhores burgueses para ousar falar da liberdade política das massas operárias! Bela liberdade essa que os escraviza aos caprichos do capital e os acorrenta, à vontade do capitalista, pela fome! (...) enquanto o capital permanecer de um lado, e o trabalho do outro, o trabalho será escravo do capital, e os trabalhadores, os governados dos Senhores burgueses, que vos dão por irrisão todos os direitos políticos, todas as aparências da liberdade, para conservar a realidade desta liberdade exclusivamente para eles mesmos. (Bakunin, s/d., p. 30).

Da mesma forma, não há socialismo sem liberdade. Enquanto houver dominação política, isto é, o Estado, não haverá igualdade. Neste sentido, de nada adianta suprimir a propriedade privada e manter o Estado, pois este reconstruirá a exploração econômica. Em uma crítica ao suposto economicismo em Marx¹, Bakunin afirmava:

¹ Existem várias interpretações sobre os escritos de Marx. Não acreditamos que Marx apresenta este economicismo criticado por Bakunin. Suas reflexões vão além de uma mera determinação da economia sobre as outras esferas. O que há no materialismo de Marx é uma percepção de que toda consciência é a consciência do ser social. Neste sentido, as idéias, a política, o direito, o Estado devem ser pensados a partir da sua relação com as condições materiais de existência. Isto não significa dizer que a economia de uma forma

O Estado político de todo país, diz ele (Marx), é sempre o produto e a expressão fiel de sua situação econômica, para mudar o primeiro, basta transformar este último. Todo o segredo das evoluções históricas segundo o Sr. Marx, está aí. Ele não leva em consideração nenhum outro elemento da história (...) Ele diz: “a miséria produz a escravidão política, o Estado”, mas não permite inverter esta frase e dizer: A escravidão política, o Estado, por sua vez, reproduz e conserva a miséria, como uma condição de sua existência; assim, para destruir a miséria é preciso destruir o Estado. (Bakunin, 2001, p. 39).

É com o mesmo critério que Bakunin pensa o domínio intelectual. Se todas as esferas estão interligadas e se influenciam mutuamente, abolir o Estado e a propriedade privada e manter uma instrução diferenciada é propor que os mais instruídos reconstruam um sistema de privilégios, restabelecendo o Estado e a exploração econômica sobre os menos instruídos. É neste sentido que precisamos entender sua percepção de Instrução Integral. Mas, para tanto, analisaremos sua posição em relação à Ciência.

A Ciência Burguesa

Bakunin parte do seu materialismo para analisar a Ciência. Ela deve assim ser entendida em relação com as condições materiais de existência. Numa sociedade classes, a quem serve a Ciência? A todos os homens?

Para Bakunin, a Ciência e seus progressos servem à classe burguesa e é responsável pela miséria relativa da classe

simples e esquemática determina as idéias, a política, a moral, etc. O certo é que grande parte das críticas de Bakunin a Marx são frutos de fraco entendimento. Assim como várias críticas de Marx a Bakunin também. Sobre as confusões que ambos cometeram em relação ao conceito de Estado, ler o artigo: *Ditadura do Proletariado ou Abolição do Estado? O Conflito Conceitual entre Anarquistas e Marxistas* Saddi (2009).

trabalhadora. Primeiro, porque a instrução e a ciência só são acessíveis aos que detêm privilégios econômicos e políticos. Segundo, porque toda a ciência desenvolvida vai estar a serviço do capital e do Estado, isto é, da exploração e da dominação.

A desigualdade de condições exclui de forma completa o desenvolvimento das qualidades físicas, intelectuais e morais. A diferença entre o trabalho das classes abastadas e aquele dos operários estabelece uma proporção infinitamente excludente, deixando uma distância enorme entre quem pensa e quem executa.

Bakunin (1979) afirma que a maior crítica dos socialistas democratas perante a ciência e as artes é que elas, na forma de seus benefícios, atendem apenas a uma porção mínima da sociedade e exclui a maioria. Sendo assim, seus progressos são exclusivos. O grau de ciência ou instrução que cada um dispõe é determinado pelo maior grau e menor grau de riqueza do estrato social em que vive. (Bakunin, 1979, p. 36). Como afirma Bakunin:

(...) os burgueses andaram mais depressa na estrada da civilização do que os proletários, não por que sua inteligência fosse naturalmente maior que a destes, mas por que a organização econômica e política da sociedade foi tal, até agir, que só os burgueses se podiam instruir que a ciência só existiu para eles, que o proletariado se viu condenado a uma ignorância forçada. (Bakunin, 1979, p. 37).

Desta forma, o grau de conhecimento depende dos privilégios de classe. O abismo intelectual entre a burguesia e o proletariado só acaba com a destruição dos privilégios que o geram.

Mas o contrário também é verdadeiro. Acabar com a divisão de classes sem acabar com a divisão de instrução é voltar a construir uma dominação de classes. É esta dialética de mútua determinação que vai guiar o pensamento bakuninista a respeito da instrução integral.

Desta forma, enquanto houver dois ou mais graus de instrução, haverá classes, ou seja, privilégios econômicos e políticos para uma minoria; a escravidão e a miséria para a maioria. Enquanto os indivíduos não alcançarem o mesmo grau de instrução, não haverá igualdade. Como afirmou Bakunin:

Aquele que sabe mais dominará naturalmente aquele que sabe menos; e se existir entre duas classes apenas esta diferença de educação e de instrução, esta diferença produzirá em pouco tempo todas as outras, o mundo humano voltará ao seu estado atual, isto é, será dividido de novo numa massa de escravos e num pequeno número de dominadores, os primeiros trabalhando, como hoje, para os segundos. (idem, p. 32).

É por isto que, “Devemos rejeitar e combater esta ciência burguesa, do mesmo modo que devemos rejeitar e combater a riqueza da burguesia.” (idem, p. 38).

Assim, tanto quanto o mundo econômico impõe uma divisão de graus de instrução e de acesso à ciência, todo este conhecimento científico produzido é utilizado para aumentar a exploração e a dominação sobre a classe trabalhadora.

No âmbito da dominação, a ciência é vista por Bakunin como uma arma fabulosa. Ela faz com que o operário se cale perante o burguês, “não pela inteligência que possui, mas pela instrução, de que o operário foi privado”. (idem, p. 34). A educação imposta pela classe burguesa faz dos cidadãos homens disciplinados, conformados, e, sobre esses princípios, a ciência oprime em vez de libertar.

A ciência constitui a principal força dos Estados. No pensamento bakuninista, o Estado foi, em toda a história, patrimônio de qualquer classe privilegiada, seja ela sacerdotal, monárquica, republicana, burguesa. Assim, há sempre uma classe privilegiada por trás da sua existência e um interesse por parte desta em sua manutenção, o que significa a negação de reais interesses de todo o povo. Para Bakunin o Estado é

Uma abstração devoradora da vida popular (...). Um imenso cemitério onde, à sombra e sob o pretexto dessa abstração, vêm generosamente, beatificamente, deixar-se imolar e humilhar todas as aspirações reais e todas as forças vivas de um país. (Bakunin, 1986, p.10)

Ainda,

É o altar onde a liberdade real e o bem-estar dos povos são imolados à grandeza política e quanto mais esta imolação é completa, tanto mais o Estado é perfeito. (idem, p. 37)

A ciência, através de um conjunto de idéias e práticas, indica os caminhos mais prósperos para a classe dominante. O conhecimento é expropriado das classes exploradas e é organizado em sistemas fundamentados em métodos e técnicas que asseguram o seu controle. Os resultados dos processos de conhecimento beneficiam fundamentalmente a classe dominante. É assim que podemos entender a ciência da administração, a ciência de governo, a ciência militar, isto é, todo um conjunto de técnicas dispostas a

(...) tosquiar os rebanhos populares sem os fazer gritar demasiado, de os manter constantemente numa salutar ignorância, a fim de que jamais possam, pela solidariedade e pela união dos seus esforços, criar uma força capaz de os derrubar. (Bakunin, 1979, p. 36).

Mas a ciência se coloca tão à disposição da dominação política do proletariado quanto de sua exploração econômica. Desta forma, todo o conhecimento produzido é utilizado para aumentar a riqueza da burguesia e a pobreza do proletariado. As máquinas são para Bakunin um exemplo claro de como a burguesia se utiliza da ciência para explorar ainda mais o trabalhador. Os progressos da ciência sem dúvida foram imensos, mas

imensos também foram a ruína e a opressão do povo pela classe burguesa.

É assim que Bakunin entende que da mesma forma que os progressos na indústria e no comércio geraram a miséria *relativa* da classe trabalhadora, os progressos da ciência geraram a ignorância *relativa* do proletariado. Disto, só resulta uma alternativa:

(...) rejeitar e combater *esta* ciência burguesa, do mesmo modo que devemos rejeitar e combater a riqueza da burguesia. Combatê-las e rejeitá-las no sentido de, ao destruir a ordem social que delas faz patrimônio de uma ou de várias classes, as reivindicar como bem comum de todo mundo.” (idem, p. 38).

A Instrução Integral

Diferentemente do que é corrente nos meios de comunicação e no meio acadêmico-escolar, a instrução integral difere grandemente da educação em tempo integral, que é a tônica dos modelos educacionais atualmente.

Como dissemos, para Bakunin, não adianta abolir as classes e o Estado e manter a diferença de graus de instrução entre os diferentes estratos da sociedade, posto que ela tenderá a reconstruir a divisão de classes e o Estado. Assim, para alcançar uma sociedade igualitária, além da abolição da propriedade privada e do Estado, se faz necessária a instrução integral.

Por definição, a instrução é integral “(...) quando prepara os homens tanto para a vida do espírito como do trabalho, a fim de que todos se possam tornar pessoas completas”. (Bakunin, 1979, p. 43).

A instrução integral está baseada, portanto, na abolição da divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual. Neste sentido, “toda a gente deve trabalhar e toda a gente deve receber instrução”. (idem, p. 38).

Desta forma, o homem seria vivo e completo, pois desenvolveria igualmente suas atividades musculares e nervosas, atividades que se apoiariam mutuamente,

uma reforçando e alargando a outra. (idem). Desta forma, não haverá mais operários e sábios, mas apenas homens (idem, p.38). Para Bakunin,

(...) a ciência do sábio se tornará mais fecunda, mais útil e mais vasta quando o sábio deixar de ignorar o trabalho manual, e o trabalho do operário instruído será mais inteligente e, por conseguinte mais produtivo do que o do operário ignorante. (idem, p.38).

Haverá desta forma, uma humanização dos sábios e dos operários: os sábios se tornando homens através do trabalho, e os operários se tornando homens através da ciência. Portanto, a ciência (alienada do trabalhador pela divisão do trabalho) e o trabalho (alienado do sábio pelo mesmo motivo) retornarão ao homem, como atividades a serem desenvolvidas por todos.

Ocorrerá, assim, uma “reconciliação da ciência e da vida”. (idem, p. 49). Não haverá tantos sábios ilustres, mas ao mesmo tempo, haverá muito menos ignorantes. “Deixará de haver homens que tocam os céus, mas, em contrapartida, milhões de homens hoje aviltados, esmagados, caminharão humanamente na terra: nem semi-deuses, nem escravos”. (idem, p. 39). Estarão eliminados o endeusamento e o desprezo.

Mas, como deverá ser esta instrução integral? Para Bakunin, o ensino deverá dividir-se em *científico ou teórico* e *industrial ou prático*. O científico terá por base o conhecimento da natureza e a sociologia e também será dividido em duas partes: uma geral e uma específica.

A geral, obrigatória para todas as crianças, constituirá no conhecimento geral dos principais elementos de todas as ciências, já que “(...) não há inteligência, seja ela qual for, que possa abarcar na especialidade todas as ciências, e que, por outro lado, é absolutamente necessário ao completo desenvolvimento do espírito, um

conhecimento geral de todas elas.” (idem, p. 43).

A específica será o estudo verticalizado e profundo sobre uma das diferentes especialidades científicas. Na adolescência, cada um escolherá “com perfeito conhecimento de causa a faculdade que melhor convirá às suas aptidões e gostos particulares”. (idem, p. 43).

Paralelo a este ensino *científico ou teórico*, ocorrerá o ensino *industrial ou prático*. Este ensino também será dividido em duas partes: conhecimentos gerais e específicos. Os gerais “darão às crianças as idéias gerais e o próprio conhecimento prático de todas as indústrias, que constituem a civilização no aspecto material, a totalidade do trabalho humano”. A parte específica será “dividida em grupos de indústrias mais especificamente ligadas entre si”. (idem, p. 44). Assim como no ensino científico, os adolescentes escolherão após o estudo dos conhecimentos gerais das indústrias, “a indústria em particular de que mais gostam.”. (idem, p. 45).

Com este tipo de instrução integral para todos os homens, não haverá mais uma divisão entre os que possuem o conhecimento e os que estão afastados do mesmo. Ao fazer isto tornarão todos os homens idênticos?

Pelo contrário, em uma sociedade igualitária, continuará, para Bakunin, existindo diferenças individuais. Para ele, “Existe uma verdade do passado, em provérbio, e que provavelmente nunca deixará de ser verdade: não há árvore que tenha duas folhas iguais. Com muito mais razão será verdade para os homens que são muito mais complexos do que as folhas.” (idem, p. 41). Entretanto, esta diversidade, longe de contrariar a necessidade da igualdade, é um argumento a favor da mesma.

É somente em uma sociedade igualitária, tanto econômica, quanto política, quanto intelectual, que os homens poderão desenvolver todas as suas potencialidades individuais e coletivas.

As liberdade individuais, não privilegiadas mas humanas, as capacidades reais dos indivíduos só poderão ser plenamente desenvolvidas em igualdade completa. Só quando houver *igualdade desde o início* para todos os homens em cima da terra, só então – salvaguardando os superiores direitos da solidariedade, que é e continuará a ser a principal base de toda a vida social: inteligência humana e bens materiais – se poderá dizer que todo o indivíduo é fruto do seu próprio esforço. (idem, p. 40).

burgueses não compreendem que seus filhos se tornem trabalhadores, e os trabalhadores estão privados de todos os meios para dar a seus filhos uma instrução científica.” (idem, p. 92) A vida será valorizada quando excluirmos da realidade os mantenedores da opressão. Isso será obra unicamente da classe explorada e não dos exploradores. Assim podemos dizer, sem hesitação, que, transformar não é reformar.

A Instrução Integral nessa sociedade capitalista é, assim, impossível: “os

REFERÊNCIAS

- BAKUNIN, Mikhail. *A instrução integral*. In: *O Socialismo Libertário*. São Paulo: Global, p.32-52, 1979. (Coleção bases, nº22)
- BAKUNIN, Mikhail. *A Instrução Integral*. São Paulo: Editora Imaginário, 2003.
- BAKUNIN, Mikhail. *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*. São Paulo: Cortez, 1988.
- BAKUNIN, Mikhail. *O Estado: Alienação e Natureza*. In: *O anarquismo e a democracia burguesa*. 3ª edição, São Paulo: Global Editora, 1986.
- BAKUNIN, Mikhail. *Deus e o Estado*. São Paulo: Imaginário, 2000.
- BAKUNIN, Mikhail. *Socialismo e Liberdade*. São Paulo: Coletivo Editorial Luta Libertária, s.d.
- BAKUNIN, Mikhail. *Escritos contra Marx*. São Paulo: Imaginário, 2001.
- Coletivo Pró-Organização Anarquista em Goiás. *Anarquismo Coletivista – O Bakuninismo*. Goiânia, 2005. (Impresso por meio eletrônico). Disponível em: <http://www.anarkismo.net/article/2215>. Acesso em Maio 2010.
- SADDI, Rafael. *Ditadura do Proletariado ou Abolição do Estado? O Conflito Conceitual entre Anarquistas e Marxistas*. In: REVISTA ENFRENTAMENTO. Ano 04, n. 06, Jan./Jun. de 2009. Disponível em: http://api.ning.com/files/GJ82mJhiUhgA3Ov36*P6oaBbpt91T*nKJpHFEeLj9mcyE8Aw8iqUhKPhHR2cPieXW6XG*DUBSJNlnmpDPeaj74kxqgFum0c/Enfrentamento06.pdf

* Graduando em História, IFG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. E-mail: joaogabriel_fonseca@hotmail.com

** Graduando em História, IFG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. E-mail: wandsousa@yahoo.com.br

*** Doutor em História, professor da UFG – Universidade Federal de Goiás. E-mail: saddirafael@yahoo.com.br